



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
CURSO DE GEOGRAFIA - BACHARELADO**

ALEXSANDRA KEYLHA SILVA DE SOUZA

**A INDÚSTRIA TÊXTIL E O TRABALHO FEMININO EM PARELHAS (RN), NO
ATUAL ESTÁGIO DA GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO**

**CAICÓ
2023**

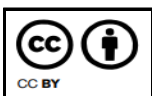
ALEXSANDRA KEYLHA SILVA DE SOUZA

A INDÚSTRIA TÊXTIL E O TRABALHO FEMININO EM PARELHAS (RN), NO
ATUAL ESTÁGIO DA GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de Artigo apresentado ao curso de graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Iapony Rodrigues Galvão

CAICÓ
2023



Esta obra está licenciada com uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional. Permite que outros distribuam, remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho, mesmo comercialmente, desde que creditem a você pela criação original. Link dessa licença: creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Prof.^a Maria Lúcia da Costa Bezerra - -CERES- - Caicó

Souza, Alexsandra Keylha Silva de.

A indústria têxtil e o trabalho feminino em Parelhas (RN), no atual estágio da globalização: um estudo de caso / Alexsandra Keylha Silva de Souza. - Caicó, 2023.

24f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - (Graduação) -
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Geografia.

Orientação: Prof. Dr. Iapony Rodrigues Galvão.

1. Indústria têxtil. 2. Globalização. 3. Parelhas (RN). 4. Produção flexível. 5. Trabalho feminino. I. Galvão, Iapony Rodrigues. II. Título.

RN/UF/BS CERES

CDU 911.3:316(813.2)

Elaborado por Martina Luciana Souza Brizolara - CRB-15/844

ALEXSANDRA KEYLHA SILVA DE SOUZA

A INDÚSTRIA TÊXTIL E O TRABALHO FEMININO EM PARELHAS (RN), NO
ATUAL ESTÁGIO DA GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso na
modalidade de Artigo apresentado ao
curso de graduação em Geografia, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Geografia.

Aprovada em: 14/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iapony Rodrigues Galvão
Orientador(a)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE/ UFRN

Prof. Esp. Solange Alves Canuto
Membro externo
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/ SEEC - RN

Prof. Esp. Lamartine Cândido de Araújo Júnior
Membro externo
SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE/CAICÓ - RN

A INDÚSTRIA TÊXTIL E O TRABALHO FEMININO EM PARELHAS (RN), NO ATUAL ESTÁGIO DA GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

THE TEXTILE INDUSTRY AND FEMALE WORK IN PARELHAS (RN), IN THE CURRENT STAGE OF GLOBALIZATION: A CASE STUDY

Alexsandra Keylha Silva de Souza

RESUMO

O atual contexto globalizante gerou notórias mudanças no mundo do trabalho, em diferentes perspectivas. A flexibilização da produção atingiu diferentes lugares mundialmente, e tal contexto também ocorreu no espaço potiguar, em especial na indústria têxtil, a qual expandiu-se fortemente no atual período globalizante, em especial neste início de século XXI. Assim, a presente pesquisa buscará compreender a Indústria têxtil e o trabalho feminino em Parelhas (RN), no atual estágio da globalização, a partir da análise das trabalhadoras em uma fábrica parelhense, caracterizando, assim, um estudo de caso. Para isso, será entendido o contexto socioespacial de constituição da indústria têxtil parelhense, associado a caracterização das trabalhadoras que realizam as atividades laborais nesta tipologia industrial e os desafios e perspectivas do trabalho feminino na mesma. Assim, como metodologia para o desenvolvimento da presente pesquisa, realizou-se pesquisas bibliográficas, análises de documentos e pesquisa de campo em uma fábrica parelhense, buscando entender, assim, as relações da globalização com a indústria têxtil, associada a expansão do trabalho feminino, numa perspectiva geográfica totalizante. Portanto, ao se discutir sobre a Indústria têxtil e o trabalho feminino em Parelhas (RN), no atual estágio da globalização, buscou-se aprofundar acerca das consequências sociais e espaciais da presença feminina neste ramo industrial, em especial num espaço tão desigual como o capitalista, afim de construir uma cidadania plena e igualdade para todas as trabalhadoras.

Palavras-chave: Indústria têxtil; produção flexível; trabalho feminino; globalização; Parelhas.

ABSTRACT

The current globalizing context has generated notable changes in the world of work, from different perspectives. The flexibilization of production reached different places worldwide, and this context also occurred in the Potiguar space, especially in the textile industry, which expanded strongly in the current globalizing period, especially in the beginning of the 21st century. Thus, this research will seek to understand the textile industry and women's work in Parelhas (RN), in the current stage of globalization, based on the analysis of workers in a factory in Parelhas, thus characterizing a case study. For this, the socio-spatial context of the constitution of the textile industry will be understood, associated with the characterization of the workers who carry out work activities in this industrial typology and the challenges and perspectives of female work in it. Thus, as a methodology for the development of this research, bibliographical research, document analysis and field research were carried out in a factory in Pará, seeking to understand, thus, the relations of globalization with the textile industry, associated with the expansion of female work, in a comprehensive geographical perspective. Therefore, when discussing the textile

industry and female work in Parelhas (RN), in the current stage of globalization, an attempt was made to deepen the social and spatial consequences of the female presence in this industrial branch, especially in such an unequal space as the capitalist, in order to build full citizenship and equality for all female workers

Keywords: Textile industry; flexible production; women's work; globalization; Parelhas.

1 INTRODUÇÃO

O atual contexto globalizante, oriunda da expansão capitalista advinda da expansão do meio técnico-científico-informacional, evidenciado a partir da década de 1970, levou a um maior desenvolvimento das forças produtivas, das telecomunicações, da informática e dos transportes, expandindo ainda mais os horizontes da produção industrial, a circulação, a distribuição e os fluxos do comércio numa perspectiva planetária (SANTOS, 1996).

E a constituição deste meio técnico-científico-informacional associada à progressiva incorporação ao território de elementos técnico-informacionais, através do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e de informação, conferiu ao território uma extraordinária dinâmica e fluidez. Desta forma, conforme afirma Santos e Silveira (2001, p. 21):

Nos dias atuais, um novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico e constitui a base material da vida da sociedade. É a ciência que, dominada por uma técnica marcadamente informacional, aparece como um complexo de variáveis que comanda o desenvolvimento do período atual. O meio técnico-científico-informacional é a expressão geográfica da globalização.

Desta forma, o meio técnico-científico-informacional confere ao espaço geográfico uma nova dinâmica, advinda do extraordinário aumento da fluidez propiciada pelo desenvolvimento das comunicações e dos transportes, acarretando uma maior circulação de informações, capitais, produtos e pessoas.

E essas dinâmicas também obtiveram notoriedade na produção industrial, uma vez que a mesma passou a ocorrer num processo cada vez mais flexível, sem a necessidade de proximidade do mercado consumidor ou mesmo da matéria prima, pois a ampliação técnica, científica e informacional do atual contexto globalizante possibilitou a abertura de fábricas em diferentes pontos do espaço mundial.

Assim, o desenvolvimento das forças produtivas, associados ao desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte, no atual contexto do meio técnico-científico-informacional, possibilitou a expansão das dimensões espaciais produtivas industriais, uma vez que se ampliou as possibilidades da circulação de pessoas e mercadorias no espaço geográfico.

Desta forma, apoiado ao contexto global acima apresentado, buscar-se-á compreender a Indústria têxtil e o trabalho feminino em Parelhas (RN), no atual estágio da globalização, a partir da análise das trabalhadoras em uma fábrica parelhense, tal empresa selecionada por estar ativa desde a chegada do Programa de Interiorização da Indústria Têxtil (Pró-sertão) em Parelhas, e por seu quadro de funcionários ser um dos maiores empregados nesta indústria.

O estudo dessa temática surge a partir da observação da quantidade de mulheres ocupadas neste meio e as transformações ocorridas na vida das mesmas,

podendo ser descritas enquanto positivas e negativas. Desta forma entender uma das atividades que mais emprega mão-de-obra feminina no Seridó tornou-se imprescindível para que possa haver uma difusão do assunto, interessando a autora pelo fato da mesma ter feito parte do quadro de funcionárias um dia ocupada nesse ramo industrial.

E, para isso, será entendido o contexto socioespacial de constituição da indústria têxtil parelhense, associado a caracterização das trabalhadoras que realizam as atividades laborais nesta tipologia industrial os desafios e perspectivas do trabalho feminino na mesma. Logo, esse assunto, de enorme alcance social e econômico, será discutido, a partir dos tópicos a seguir.

2 ESTADO DA ARTE: DISCUSSÕES E REFLEXÕES

O atual momento histórico do modo capitalista de produção caracteriza-se da enorme expansão territorial urbana associada à intensificação dos processos produtivos, se constitui uma questão de fundamental importância para a compreensão da dinâmica espacial engendrada pelo capital, elencado por Santos (1994) como um dos temas fundamentais relacionados à organização interna das cidades e, portanto, suscetíveis à análise geográfica.

Assim, no atual contexto globalizante, a atual divisão territorial do trabalho “cria uma hierarquia entre lugares e redefine, a cada momento, a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 21), sendo responsável pela dinamização dos fluxos materiais e imateriais imprescindíveis para compreensão da dinâmica espacial globalizada.

Logo, o território encontra-se estruturado a partir dos interesses do capital, tendo como base a produção e reprodução da mais-valia em âmbito mundial, baseado na internacionalização da economia pela atuação das firmas multinacionais e dos bancos internacionais.

A partir desta discussão, os avanços científico-tecnológicos e informacionais tornam o espaço geográfico globalizado, dinâmica socioespacial, concebida por Santos (1994) como meio técnico-científico-informacional, caracterizada pela interseção entre ciência, técnica e informação.

Dessa maneira, somente é possível compreender plenamente as questões relacionadas à organização do espaço local e regional a partir da compreensão de sua articulação nacional e mundial, incorporada à dinâmica do meio técnico-científico-informacional, sinônimo de espaço geográfico que abrange todos os aspectos socioeconômicos (SANTOS, 1994).

Assim o fenômeno, relativamente recente, da dissociação espacial das etapas do processo produtivo, alusivos à produção, circulação, distribuição e consumo das grandes corporações globais, evidenciado no pós-guerra, especialmente, a partir da década de 1970, com o advento do meio técnico-científico-informacional, aumentou exponencialmente os intercâmbios entre os lugares numa perspectiva planetária.

E esses processos ocorrem através de um sistema global de produção estabelecido por meio de uma complexa rede de circuitos produtivos e de circulação das demandas emanadas, gerando um extraordinário fluxo material e imaterial postos em movimento e circulação pelos modernos sistemas de transportes, de engenharia e de informações.

Assim, associados, direta ou indiretamente à produção, outros fluxos são gerados dando maior fluidez e dinamicidade ao território, não sendo, necessariamente, materiais. São os chamados círculos (circuitos) de cooperação.

Desta forma, Santos e Silveira (2001) analisam as transformações mais relevantes para compreensão do "dinamismo de cada parcela e de sua relação com o dinamismo mais geral do território como todo", destacando a questão da fluidez como "necessidade de criar as condições para maior circulação de pessoas, dos produtos, das mercadorias, do dinheiro, de informações, das ordens etc." (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 259-261).

E a internacionalização da economia mundial é acelerada com a disseminação das tecnologias da informação, reorganizando as estratégias produtivas, numa perspectiva global, com a globalização, portanto, reorganizando a divisão internacional do trabalho, se adequando às diferenças operacionais e de custos de produção de cada país (DUPAS, 1999 apud HONÓRIO, 2013).

Assim, a globalização reorganiza os modelos produtivos, representados pela flexibilidade trazida pela polivalência e subcontratação, exigindo um trabalhador mais rápido, ágil e flexível, aumentando a sua especialidade, associado ao declínio de sua valorização salarial, consolidando o processo de precarização do emprego, oriundo das exigências tecnológico-econômicas da evolução do capitalismo moderno (CASTEL, 1998).

Desta maneira, o processo de flexibilização da produção gera a precarização e terceirização do trabalho, coexistindo entre si, com o crescimento do desemprego e a queda da qualidade dos empregos oferecidos, com o trabalhador tendo que se submeter à subcontratação, sendo marcados pela subordinação e sujeição à exploração da sua força de trabalho (HONÓRIO, 2013).

Trazendo esse contexto globalizante para o incremento industrial no semiárido potiguar, mais precisamente na região intermediária de Caicó, historicamente conhecida como Seridó Potiguar (IBGE, 2017), para Bezerra, Corteletti e Araújo (2020), é importante enfatizar que as mudanças atuais no mundo do trabalho fazem com que a informalidade fique associada com o trabalho flexível, como a terceirização, subcontratação, o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado de outras pessoas, nos quais as mulheres representam a maior parte da força de trabalho.

Nessa perspectiva, a mulher torna-se duplamente explorada pelo capital através da produção da mais-valia, que é o trabalho excedente não pago, pelo baixo salário que recebe, pela intensificação e precarização das condições de trabalho, pelos preconceitos e discriminações que sofre e enfrenta no seu dia-a-dia e, na realização do trabalho doméstico (ANTUNES, 2000, apud BEZERRA, 2020).

Assim, a dupla jornada de trabalho realizada pela mulher, e, em muitos casos, tripla jornada, não recebe seu devido valor, sendo importante para a reprodução do sistema capitalista, assim como os demais trabalhos considerados teoricamente improdutivos, como é o caso do setor de serviços em geral (ANTUNES, 2000 apud BEZERRA, 2003).

Aprofundando ainda mais sobre a temática, a predominância do trabalho feminino, na produção têxtil, ocorre, em especial, no acabamento das peças, atividade subcontratada, considerada de baixo valor social e baixa remuneração (BEZERRA et al, 2020).

E esse processo, de subcontratação, mais uma característica do atual contexto globalizante, possui relação direta com a ideia de flexibilidade, a qual "caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional" (HARVEY, 2006, p. 140).

Assim, esses processos produtivos, relacionados a terceirização foram intensificados pela reestruturação produtiva e políticas neoliberais adotadas a partir dos anos 1990, com o aprofundamento da globalização e do meio técnico-científico-informacional, pois, ao externalizar etapas da produção, as empresas conseguem reduzir os custos com direitos sociais dos trabalhadores/as, ao mesmo tempo em que diminuem o poder de organização coletiva dos mesmos (BEZERRA et al, 2020).

Desta forma, ainda sobre a terceirização, a mesma corresponde a “todo processo de contratação de trabalhadores por empresa interposta, cujo objetivo último é a redução de custos com a força de trabalho e/ou a externalização dos conflitos trabalhistas” (MARCELINO; CAVALCANTE, 2012, apud BEZERRA et al, 2020).

E no contexto do gênero no atual mundo do trabalho, destaca-se, ainda:

É a partir da compreensão da indissociabilidade entre a exploração por meio do trabalho assalariado e a opressão do masculino sobre o feminino que foi possível a ampliação da noção de trabalho: É essa passagem do primado do econômico e das relações de exploração para a afirmativa de uma ligação indissociável entre opressão sexual (e de classe) e exploração econômica (e de sexo) que permite, a meu ver, reconceitualizar o trabalho, dinamizá-lo a partir da introdução de uma subjetividade efetiva, ao mesmo tempo “sexuada” e “de classe” (HIRATA, 2002, p. 277).”

E nesse processo atual da divisão do trabalho, no que se refere as questões de gênero, a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão decorrente das relações sociais de gênero, caracterizada pelos princípios norteadores da separação ou da hierarquia (HIRATA; KERGOAT, 2007 apud BEZERRA, et al 2020).

Assim, no que se refere ao princípio da separação explica a existência de trabalhos de homens e de mulheres. Tal separação imputa aos homens o trabalho produtivo e atribui o trabalho doméstico às mulheres. E, no princípio da hierarquia conceitua que o trabalho produtivo possui maior valor social do que o trabalho doméstico, o qual é relegado ao status de um “não trabalho” (HIRATA; KERGOAT, 2007 apud BEZERRA, et al 2020).

Desta maneira, o “valor” do trabalho, o qual não deve ser entendido como algo meramente econômico, é um problema que atravessa as relações sociais de sexo, pois induz a uma hierarquia, e hierarquia é relação social (HIRATA; KERGOAT, 2007 apud BEZERRA, et al 2020).

Logo, estas perspectivas auxiliam a explicitar o processo de aprofundamento da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, uma vez que a divisão sexual do trabalho é uma construção social e histórica, pois “se é certo que o capitalismo utiliza uma estratégia de ‘dividir para reinar’, a configuração dessas divisões é construída socialmente através das relações de classe, de raça, de gênero e das práticas sociais” (SOUZA-LOBO, 1991, p.170).

Além disso, fica evidente, com as discussões acima apresentadas, que as diferenças entre homens e trabalhadoras não são somente um reflexo das relações econômicas, mas “são também relações de poder, regidas por leis e normas, tradições e hábitos” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 171).

Aprofundando as discussões alusivas ao trabalho e a perspectiva de gênero, a divisão de trabalho na indústria têxtil possui elementos de padrões discriminatórios na sociedade capitalista relacionados ao contexto histórico, conduzindo ao atual

quadro da inserção das mulheres no trabalho assalariado ou autônomo na indústria têxtil e de confecções (BEZERRA et al, 2020).

Ressalta-se que a terceirização e a subcontratação também são estratégias de trabalho flexível, utilizadas como forma de diminuir os custos de produção das unidades produtivas informais e das empresas formais, numa evidente divisão do trabalho por gênero, uma vez que a costura é marcada como trabalho de mulher (BEZERRA et al, 2020).

No entanto, no atual contexto globalizante, há a necessidade de ampliar ainda mais a produção e, associado a maior mecanização na indústria têxtil, leva a uma maior participação masculina na atividade de costura.

Além disso, reitera-se, segundo pesquisa realizada por Bezerra et al (2020), o fato dos homens não possuírem maiores obrigações domésticas, o que otimiza o maior envolvimento dos mesmos nas atividades de costura, inserindo-se, assim, numa atividade anteriormente realizada predominantemente por mulheres (BEZERRA et al, 2020). Ainda, segundo Bezerra et al (2020, p.12):

[...]para as mulheres é muito forte a questão de querer ter o próprio negócio para facilitar gerenciar e organizar melhor o espaço doméstico e o cuidado com os filhos, há, para eles, a perspectiva de “ser o próprio patrão”, subtendendo, inclusive, a questão de gerir a força de trabalho de outras pessoas.

Assim, as desigualdades de gênero são dificuldades vivenciadas pelas trabalhadoras há muito tempo, sendo aprofundadas pelo atual modo capitalista de produção, onde, no atual contexto globalizante, de expansão do meio técnico-científico-informacional, as mulheres passam a sofrer concorrência ainda maior, uma vez que atividades produtivas manuais, anteriormente dominadas pelas mulheres, passam a ser realizadas pelos homens, associados a máquinas.

Desta maneira, o aprofundamento das diferenças entre homem e mulher refletem as especificidades de gênero existentes na sociedade capitalista, as quais servem para controlar a hierarquia e o machismo, ampliando as possibilidades de reprodução e acumulação do capital. Logo:

(...) a desigualdade na divisão sexual do trabalho nas esferas produtiva e reprodutiva é central para as relações de poder, principalmente, o poder exercido pelos homens sobre as trabalhadoras, presente na estrutura da família patriarcal” (NOGUEIRA, 2006 apud BEZERRA, et al 2020).

Desta forma, ao discutir sobre as divisões do trabalho a partir do gênero, deve-se destacar a desigualdade nas relações entre homens e mulheres, onde, no atual momento histórico, aprofunda-se a desigualdade, a hierarquia, a assimetria e o antagonismo, com “relações de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas” (Hirata, 2002, p. 280-281), como ocorre, também, nas reconfigurações produtivas na indústria têxtil no atual momento histórico.

Logo, fica evidente a dificuldade das mulheres em “concorrer” com os homens no atual contexto globalizante, uma vez que a mecanização produtiva da indústria têxtil otimizou a maior participação masculina nesta atividade produtiva, enquanto as mulheres “continuam tendo que se desdobrar significativamente para dar conta da dupla jornada de trabalho, pois a responsabilidade com as atividades domésticas e cuidados com os (as) filhos (as) continua em suas mãos” (BEZERRA et al, 2020).

Os homens seguem envolvendo-se com as atividades domésticas na condição de “ajuda”, como algo que não diz respeito a eles. Observamos que, mesmo declarando-se independentes financeiramente de seus maridos, elas consideram “natural” que a mulher seja responsável pelas tarefas domésticas e cuidados com os (as) filhos (as). Essa tensão (...) explicita como as relações de poder patriarcais junto com a divisão sexual do trabalho (*por gênero*) organizam esses contextos.” (BEZERRA, et al, 2020, p.17)

Neste sentido, observamos que formas de trabalho alusivas à informalidade, terceirização, subcontratação e trabalho domiciliar, são aprofundadas nas perspectivas de uma divisão ainda mais profunda do trabalho entre gêneros e hierarquia, entre homens e mulheres, uma vez que tais estratégias flexíveis acabam favorecendo os homens, os quais possuem uma menor jornada de trabalho, uma vez que os mesmos não realizam frequentemente o trabalho doméstico, dificultando ainda mais a inserção feminina, no mercado de trabalho, no atual contexto globalizante (BEZERRA et al, 2020).

E discutindo todo esse quadro no contexto da indústria têxtil potiguar, mais precisamente na região intermediária de Caicó, conhecida historicamente como Seridó Potiguar, será visto, a seguir, as relações da globalização com a indústria têxtil, associada a expansão do trabalho feminino, numa perspectiva geográfica totalizante e contraditória, no contexto do modo capitalista de produção.

3 DISCUTINDO SOBRE O TRABALHO FEMININO E O CONTEXTO NA INDÚSTRIA TÊXTEL POTIGUAR

Conforme discutido anteriormente, o processo de precarização do trabalho amplia-se com as imposições oriundas pelo contexto globalizante, estruturado pelo Meio Técnico-Científico-Informacional e tal quadro também ocorre na Indústria têxtil do interior potiguar, em especial na região intermediária de Caicó, conhecida historicamente como Seridó potiguar.

E para contextualizar esta inserção da indústria têxtil no espaço potiguar, cabe ressaltar acerca da influência da globalização na reconfiguração das estruturas sociais e econômicas, com a mundialização do capital, a constituição de um meio técnico-científico-informacional e a consequente expansão da acumulação flexível, a qual condicionou a precarização com o processo de terceirização do trabalho como uma das bases da acumulação flexível (HONÓRIO, 2013).

Neste mesmo período, o processo industrial potiguar ganha força, a partir de incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), e, dada a tradição potiguar na produção algodoeira, ampliou-se a indústria têxtil, dado o pleno aproveitamento total da fibra do algodão, “transformada em linhas de costura, redes, roupas e lençóis, e, ainda, do caroço que restava eram extraídos alimentos para o gado e, por fim, parte ainda era aproveitada nas indústrias de sabão em pedra e até combustíveis.” (ARAÚJO, 2017, p. 16)

Entretanto, na segunda metade dos anos 1970, com a crise do mercado externo, afetando diretamente os preços do produto, associada a “Praga do Bicudo”, pôs fim às lavouras de algodão no Seridó Potiguar, encerrando o ciclo do algodão no Seridó e no estado do Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 2017). Assim:

Restaram ao Seridó a infraestrutura, o maquinário defasado (e, praticamente inutilizável), os prédios de fábricas e beneficiadoras de matéria prima e de subprodutos e, ainda, uma certa tradição vinculada à indústria têxtil em confeccionar determinados tipos de peças, o que fez com que a região se tornasse destino de um novo processo de industrialização. (ARAÚJO, 2017, p. 17)

E esse novo processo de industrialização baseou-se, em especial após os anos 1990, na produção têxtil, com a criação das chamadas “facções de costura”, consolidando a necessidade capitalista da incorporação de novos espaços para a respectiva reprodução e a acumulação flexível (HONÓRIO, 2013).

O contexto de “crise econômica” advindo da decadência algodoeira favoreceu a precarização das relações de trabalho, num território caracterizado pela vulnerabilidade social, dado o reduzido número, associado aos altos índices de desocupação que permitiram a prática da subcontratação pelas empresas. (HONÓRIO, 2013).

Neste início de século XXI, políticas públicas foram instituídas, as quais, associadas com o capital privado, buscaram ampliar a interiorização da produção têxtil, em especial para as facções de costura da atual região intermediária de Caicó, conhecida historicamente como Seridó Potiguar, mas, aproveitando-se da fragilidade social dos trabalhadores locais e a necessidade de uma maior flexibilização produtiva, “não cria as condições necessárias para o desenvolvimento e sustentação da cadeia produtiva.” (HONÓRIO, 2013, p.19).

E ainda sobre a flexibilização produtiva, a: terceirização na produção têxtil:

(...) se torna rentável ao empresariado, pois traz vantagens inerentes ao processo como a redução de custos, melhoria na qualidade dos produtos, aumento da competitividade entre empregados e aspirantes aos postos de trabalho, aumento da produtividade e dos lucros.” (ARAÚJO, 2017, p.34)

Desta forma, há uma ampliação sem precedentes deste ramo produtivo na região intermediária de Caicó, historicamente conhecida como Seridó potiguar, com o setor têxtil se caracterizando, a partir de então, pela constituição por “pequenos e médios empreendimentos que funcionam como montadoras de roupas para grandes marcas de confecções com renomes nacionais e internacionais, podendo ser citadas: Hering, Zoomp e Riachuelo” (ARAÚJO, 2017, p.43).

E esse crescimento das “facções têxteis” na referida região acompanham a atual realidade globalizante de flexibilização produtiva, pois:

Com o impulso massivo da terceirização para as facções de costura, casos graves de violação dos direitos dos trabalhadores já foram notificados, onde, os principais eram os de trabalho sem carteira assinada e o pagamento de salários abaixo do subsídio mínimo pago nacionalmente. Esses problemas reforçam ainda mais a capacidade predatória que a terceirização implica nas localidades em que se inserem, com traços de precarização do trabalho. (ARAÚJO, 2017, p.57-58)

E dada essa necessidade de flexibilização produtiva, a produção têxtil no atual contexto espacial seridoense aprofunda a desigualdade existente entre gêneros, uma vez que a necessidade de uma produção de roupas cada vez maior e

mais acelerada leva as mulheres a possuírem “menor competitividade” neste contexto produtivo. Ainda citando Araújo (2017, p.59-60)

Segundo uma proprietária de facções, o rendimento nas atividades é similar entre os gêneros, e que o tratamento é igual dentro da unidade de produção. Porém, pondera (de um modo machista, mesmo que sem intenção) que o gênero feminino requer diferença de tratamento, tendo em vista problemas familiares e ciclos menstruais, que segundo ela, afetam o rendimento no trabalho.

Ainda sobre a desigualdade entre gêneros, embora, no contexto acima exposto, as mulheres possam a mesma remuneração que os homens, os componentes do gênero masculino não possuem, em geral, a denominada “dupla jornada, ampliando a vulnerabilidade e os riscos sociais das mesmas.

E esse processo opressor que atinge as mulheres, alusivo ao patriarcado predominante nas relações sociais, articula diretamente a divisão sexual do trabalho (divisão por gênero) no contexto capitalista, o qual:

[...]utiliza-se oportunamente das diferenças entre os seres humanos para transformá-las em desigualdades sociais, haja vista que é próprio do capitalismo apropriar-se das diferenças de gênero, raça/etnia e geração para explorar e desvalorizar o trabalho e os segmentos sociais oprimidos.” (HONÓRIO, 2013, p. 21)

O atual contexto de precarização nas relações trabalhistas agrava ainda mais as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres, com o gênero feminino sendo submetido ao trabalho precarizado e mal remunerado, pois “quanto mais discriminada uma categoria social, tanto mais facilmente ela se sujeitará a trabalhar em más condições e por baixos salários”. (SAFFIOTI, 1987, apud HONÓRIO, 2013).

Além disso, de acordo com Honório (2013, p.36), no que se refere a atual precarização das relações de trabalho e a contextualização no gênero feminino:

Tais dados nos fazem refletir sobre como a ideologia patriarcal tem materialidade na vida em sociedade e impõe à mulher a total subordinação à esfera privada, às atividades de manutenção do lar e da família. Mesmo com sua maior inserção no mercado de trabalho, sua presença nos espaços públicos ou mesmo um número maior de mulheres ocupando cargos de direção ou liderança, o chamado empoderamento, a mulher permanece alvo da opressão machista - especialmente a mulher trabalhadora que além de oprimida é duplamente explorada, em seu local de trabalho e em sua casa - revelando que essas medidas somente não serão suficientes para o fim deste sistema de dominação.

Assim, o modo capitalista de produção, no atual momento histórico, aprofunda a exploração e lucro do capital, com o gênero feminino sendo cada vez mais explorado, com o capitalismo se apropriando e explorando a força de trabalho das mulheres em setores específicos da economia, associado a permanência da responsabilização prioritária das mulheres pela assistência às necessidades da vida

doméstica, como a casa e os filhos, gerando uma extensa e intensa jornada de trabalho (HONÓRIO, 2013)

Assim, neste contexto de flexibilização produtiva, no atual contexto globalizante, o capitalismo se apropria da divisão sexual e social do trabalho, para aprofundar um discurso alusivo a “inferioridade feminina”, associado a ampliação da exploração do conjunto da classe trabalhadora, uma vez que a divisão sexual do trabalho é condição para a existência do trabalho flexibilizado, afinal intensifica as desigualdades de gênero nas relações trabalhistas e acentua a dupla exploração, nas esferas de produção e reprodução (HIRATA, 2002).

E esta dupla exploração fica evidente para as mulheres trabalhadoras pelo fato das mesmas, apesar de sua maior inserção no mercado de trabalho e na esfera da produção, ela continua a principal responsável pelas atividades domésticas e pela reprodução social, solidificando a situação de duplamente explorada (HONÓRIO, 2013).

Desta maneira, a desigualdade de gênero é intensificada na relação de trabalho, com a submissão das parcelas oprimidas e da mulher ao trabalho precário otimizando os processos capitalistas de sustentação e reprodução, uma vez que os aspectos opressores alusivos à organização trabalhista dividem a classe trabalhadora e dificulta sua organização no combate à exploração.

Este processo da desvalorização do trabalho desempenhado por mulheres permite que estas não se identifiquem enquanto parte da classe trabalhadora, “isso faz com que algumas mulheres se acomodem, não se organizem e nem participem politicamente das lutas da classe trabalhadora” (CIRNE, 2012, p. 114 apud HONÓRIO, 2013).

Além disso, não se pode buscar apenas a emancipação do gênero feminino, mas uma totalidade de condições mais justas para todos os trabalhadores, uma vez que “a igualdade entre os gêneros não garante o fim da exploração de mulheres trabalhadoras por mulheres capitalistas” (HONÓRIO, 2013).

Portanto, nesta conjuntura de discussão sobre a desigualdade de gênero no ambiente trabalhista, aprofundado com o contexto globalizante nos anos 1970 e a consequente exploração capitalista sobre a classe trabalhadora, em especial sobre as mulheres, uma vez que as mesmas são exploradas nos processos produtivos, por parte do capital, no ambiente reprodutivo da vida social, e doméstico, sendo submetidas a condições precárias de trabalho e às baixas remunerações. (HONÓRIO, 2013).

E este contexto ocorreu também fortemente no espaço seridoense, como será visto no caso de uma indústria parelhense, o qual será discutido a seguir.

4 O CONTEXTO DO TRABALHO FEMININO: ESTUDO DE CASO EM UMA INDÚSTRIA TEXTIL DE PARELHAS

Para compreender sobre a indústria têxtil e o trabalho feminino em Parelhas (RN), no atual estágio da Globalização, deve-se, inicialmente, situar o referido município no contexto potiguar.

O município de Parelhas, situado no estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na Região intermediária de Caicó, conhecido historicamente como Seridó Potiguar, possuía, no censo demográfico de 2022, uma população de 21.499 habitantes, correspondendo ao terceiro maior contingente demográfico da referida

região intermediária, inferior apenas aos números existentes em Caicó e Currais Novos, respectivamente (IBGE, 2023).

Historicamente, a economia Parelhense foi constituída, conforme ocorreu nos demais espaços do semiárido potiguar, sob a égide das atividades agropecuárias, em especial a criação de gado e o cultivo do algodão. Entretanto, com a crise da economia algodoeira, após os anos 1970, o referido município fortaleceu as relações com as atividades ligadas a mineração e a indústria ceramista, sendo o sustento da maioria de sua população economicamente ativa, advindo de uma dessas atividades.

E, como destacado anteriormente, nos anos 1990, o cenário globalizante alusivo a produção têxtil, se expande no espaço seridoense, incluindo o município parelhense nesse contexto, com a abertura de pequenas e médias fábricas de roupas, denominadas “facções”, as quais direcionavam a produção para grandes empresas do ramo, como o grupo Guararapes, consolidando este contexto de acumulação flexível, oriundo da globalização (HONÓRIO, 2013).

Tal realidade produtiva foi ainda mais ampliada entre 2013 e 2014, com a constituição do Programa de Interiorização da Indústria Têxtil (Pró-Sertão), o qual ampliou a parceria entre o estado e as corporações têxteis, num típico arranjo do modo capitalista de produção, uma vez que o estado deve ser considerado um dos grandes agentes capitalistas (CORREA, 1989).

Esse estreitamento das relações entre o estado e o modo capitalista globalizante relacionado a indústria têxtil, objetivou otimizar ainda mais a produção flexível e terceirizada, capitaneada pelas pequenas e médias facções, as quais direcionavam completamente a sua produção para grandes fábricas têxteis, em anos iniciais com a realização de cursos para manuseio das máquinas utilizadas na produção de roupas, numa parceria com o SENAI, visando beneficiar famílias de baixa renda, em sua maioria mulheres inclusas no programa bolsa família, critério adotado pela assistência social municipal.

Assim, fica evidente, neste direcionamento para o trabalho de mulheres, em vulnerabilidade social, sem maiores discussões alusivas aos direitos das referidas trabalhadoras, um reflexo da flexibilização, a qual acaba sendo compreendida como ampliação da possibilidade das empresas em contratar e desempregar trabalhadores de acordo com as possibilidades de lucro da mesma (MARTINS, 2021).

Além disso, segundo Vasapollo (2005 apud ANTUNES, 2012, p.67-68), a grande empresa que estava realizando essa flexibilização e terceirização poderia:

(...) reduzir o horário de trabalho ou de recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de pagar salários reais mais baixos do que a paridade de trabalho exige; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho em dia e semana segundo as conveniências das empresas, mudando os horários e as características do trabalho (por turno, escala, em tempo parcial, horário flexível etc.), dentre outras tantas formas de precarização da força de trabalho.

Este processo de terceirização da produção de roupas das grandes fábricas, utilizando as facções têxteis, deu-se com empréstimos concedidos pelo Banco do Nordeste, foram realizadas, inicialmente, em 4 oficinas parelhenses, produzindo peças de vestuário para o grupo Guararapes e para o grupo Hering, com as peças sendo recebidas cortadas, juntamente com as linhas que deveriam ser usadas na

costura, com as empresas parelhenses sendo responsáveis pela montagem das peças desenvolvidas nas empresas (MARTINS, 2021).

Desta maneira, esse processo de terceirização produtiva, conforme observado anteriormente, aprofundou a precarização do trabalho, segregando os trabalhadores, dificultando a organização sindical dos mesmos, sendo também um meio de maior propensão à violação de direitos trabalhistas (ANTUNES e DRUCK, 2014 apud MARTINS, 2021, p.27).

Discutindo com mais profundidade acerca do processo de montagem das roupas, este processo possui a realização, predominantemente, por mulheres, uma vez que as mesmas possuíam a “ ‘delicadeza’ necessária para o serviço, cabendo a cada costureira desenvolver uma parte da costura na montagem das peças, as quais após prontas são vistoriadas por um inspetor de qualidade” (MARTINS, 2021).

Após a montagem e a respectiva verificação na produção das peças, as mesmas são enviadas para a sede potiguares do grupo Guararapes e Hering, situadas na região metropolitana de Natal, para a fase final da produção, como a pintura e, finalmente, após todo esse processo de fabricação, as peças são distribuídas para venda, sendo as do grupo Guararapes comercializadas pela Riachuelo (MARTINS, 2021).

Com esse incremento oriundo do pró-sertão, associado a necessidade de maior flexibilização produtiva das grandes corporações têxteis, a cidade de Parelhas possuiu uma notória expansão nas oficinas de costura, com a abertura de 10 estabelecimentos, com o emprego de mais de 1000 mulheres nas mesmas (IBGE, 2023), um número considerável para um município com 21.499 habitantes, correspondendo a cerca de 5% da população total parelhense empregada em uma única tipologia produtiva.

Tais números se tornam ainda mais significativos quando analisamos o fato de Parelhas possuir 41,7% da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo (IBGE, 2023), o que amplia o discurso alusivo a expansão das oficinas parelhenses associado a possibilidade de melhoria das condições de vida, onde as mulheres saíam do estado de vulnerabilidade social, como também, o primeiro emprego, a aquisição de bens materiais, como a aquisição de moradia, meios de transporte, ou mesmo dignidade social, reduzindo a dependência financeira ou mesmo de relacionamentos abusivos.

O predomínio feminino na atividade de confecções decorre, conforme explicitado anteriormente, do fato das mesmas possuírem “maior sensibilidade” para a realização das funções laborais alusivas as confecções (MARTINS, 2021). Porém o discurso de melhoria das condições de vida destas mulheres acabou não sendo plenamente realizado, pois, conforme afirma Martins (2021, p.10), há, na verdade, uma:

[...]inserção precarizada das mulheres no trabalho subcontratado e da ausência de organização política combativa. Nesse sentido, no que diz respeito às condições de trabalho, foi possível verificar que há um ritmo de trabalho intenso, que chega à exaustão; a ausência, em algumas empresas, de Equipamento de Proteção Individual (EPI); o adoecimento mental e físico em decorrência do trabalho e do assédio moral, por meio da pressão psicológica às costureiras para que atinjam a meta diária. A precarização do trabalho dessas mulheres dá-se em meio a intensificação da expropriação da classe trabalhadora e de fragilização da organização política combativa.

Desta forma, fica evidente que as facções, dado as motivações anteriormente citadas, ao contratarem as mulheres, “sem outras opções de trabalho, levam as mesmas a submetem-se às condições e salários impostos.” (MARTINS, 2021, p.28), dificultando a organização das trabalhadoras em possibilidades de estratégias de resistências das trabalhadoras das facções neste processo de exploração de trabalho.

E, como demonstrado anteriormente, dado a baixa remuneração existente em boa parte das atividades produtivas parelhenses, sintetizada pela reduzida remuneração *per capita* de considerável parte dos trabalhadores, levam a algumas mulheres a aceitarem as condições impostas de precarização laboral, uma vez que apesar de precário, o trabalho nas indústrias têxteis proporcionava acesso ao trabalho remunerado (MARTINS, 2021)

Desta forma, para compreender, com maior profundidade, o contexto parelhense, será visto, a seguir, a atual inserção do trabalho feminino em uma indústria têxtil de Parelhas – RN.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender a precarização dos processos trabalhistas no contexto globalizante da indústria têxtil parelhense, em especial no que se refere ao trabalho feminino, realizou-se, como procedimentos metodológicos, pesquisas em sites e arquivos no banco de teses da UFRN, para o respectivo embasamento teórico. Após o levantamento bibliográfico, foi feita a seleção da empresa que seria estudada, e em seguida foi confeccionado dois questionários, para serem aplicados com a proprietária da empresa, e o outro com as colaboradoras laborais, ambos com questões abertas, aplicados por meio do *google forms* tendo em vista a maior praticidade para obtenção de respostas.

Depois de feita a pesquisa teórica, e com os arquivos selecionados, foi realizada a leitura e fichamentos dos mesmos para que fosse possível melhor entendimento acerca do tema proposto e foi selecionada a empresa a qual seria realizado o estudo, sendo ela a Empresa Ideal Confecções LTDA, uma vez que a mesma possui, das cerca de 10 indústrias têxteis existentes no espaço urbano parelhense, o maquinário mais moderno, estando em pleno acordo com os ditames e necessidades deste ramo produtivo no atual estágio da globalização.

A partir do questionário aplicado com a proprietária da Ideal confecção LTDA, obtivemos as seguintes informações: a empresa está situada na área urbana da cidade de Parelhas RN, precisamente na Rua Cicero Tomaz de Azevedo, nº: 366, no bairro Centro, fundada no dia 16 de agosto de 2013, justamente no contexto de gênese no pró-sertão, destacado por Martins (2021) e Honório (2013).

Além disso, a proprietária reiterou que produzem serviços de confecção para a empresa Guararapes, e clientes diversos, sendo uma empresa terceirizada para costura fazendo o processo intermediário (costura as peças que já recebem cortadas), e quando pronta, as peças são distribuídas para todo o território nacional.

Perguntada sobre o quadro de funcionários da empresa, a mesma citou que atualmente conta com cinquenta e oito funcionários(a), sendo sua maioria mulheres, num total de 48 funcionárias atuando juntamente a produção da empresa, com oito delas estando empregadas na referida indústria desde sua fundação há cerca de 10 anos, destaca-se que todos os funcionários possuindo a respectiva assinatura da carteira de trabalho.

A proprietária também ressaltou que a contratação dos funcionários foi realizada em parceria com a Secretária de Assistência social do município de Parelhas, sendo prioridade as beneficiárias de programas sociais, as quais após seleção foram capacitadas por meio de curso do SENAI - Serviço Nacional da Indústria. Esse direcionamento por funcionários em situação de vulnerabilidade social, ampliava a possibilidade de precarização das relações trabalhistas (HONÓRIO, 2013). Ainda segundo a proprietária, na atualidade, a empresa repõe a mão de obra por meio de seleções próprias, associado a cursos promovidos por organizações como o SENAI.

No que se refere a inserção na indústria têxtil, segundo a mesma, deu-se a partir do Programa de Interiorização da indústria têxtil, também conhecido como “Pró-sertão”, o qual já citado anteriormente, correspondeu a uma relação intrínseca entre o estado e o capital, para a ampliação das pequenas e médias indústrias têxteis no interior potiguar, em especial na região historicamente conhecida como “Seridó Potiguar” (HONÓRIO, 2013; MARTINS, 2021).

Apesar das contradições destacadas anteriormente, em especial no que se refere a utilização de mão de obra feminina em situação de vulnerabilidade social, a qual tem menor poder de organização para lutar por direitos trabalhistas, para a mesma é uma atividade totalmente inclusiva, com a produção zerada de resíduos, e considerada segundo a proprietária, uma atividade com sustentabilidade social e ambiental.

Finalmente, no que se refere a existência de programas de acolhimento para os funcionários, a resposta foi positiva, com a proprietária citando a existência de programas de bonificação por resultados, palestras, parceria com profissionais da saúde, academia, e conta com uma equipe de segurança no trabalho.

No que se refere ao questionário aplicado com as colaboradoras, o qual foi realizado numa relevante amostragem de 15 funcionárias da referida fábrica, num total de 48 atualmente empregadas, obtivemos o seguinte retorno das respondentes:

Analisando o perfil ficou evidente que a maioria das mesmas são casadas ou vivem em união estável, com idade média de 34 anos, tendo filhos, e possuindo o Ensino Médio completo, como visto na tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Identificação das trabalhadoras

FUNCIÓNÁRIA	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FILHOS
A	Casada	25	E. Médio Completo	2
B	Solteira	35	E. Médio Completo	2
C	União estável	28	E. Médio Completo	4
D	Casada	43	E. Médio Completo	2
E	Casada	34	E. Médio Completo	3
F	União estável	39	E. Médio Completo	1
G	Casada	28	E. Fundamental Incompleto	3
H	Casada	36	E. Médio Completo	3
I	Casada	38	E. Médio Completo	2
J	Solteira	37	E. Médio Completo	1
K	Solteira	34	E. Médio Completo	3
L	Casada	36	E. Fundamental completo	2
M	Casada	35	E. Médio Completo	1
N	Solteira	40	E. Médio Completo	0
O	Casada	32	E. Médio Completo	0

Fonte: Elaborado pelo autor (a), 2023.

No que se refere a idade em que começaram a atuar em oficinas de costura, a maioria iniciou entre os 25 e 30 anos. E sobre o tempo em que trabalham na empresa ideal, a maioria das colaboradoras possuem mais de 1 ano na empresa.

Ainda no que se refere a análise desta caracterização profissional, todas as 15 entrevistadas já haviam possuindo outro vínculo profissional. Além disso, a maioria das entrevistadas já haviam trabalhado em outras atividades não relacionadas a costura e todas afirmaram possuir carteira assinada, como detalhado na tabela 2, a seguir.

Tabela 2 - Caracterização profissional das trabalhadoras

FUNCIÓNÁRIA	IDADE QUE INICIOU NA COSTURA	QUANTO TEMPO ESTÁ NA IDEAL?	FOI O 1º EMPREGO?	TRABALHOU FORA DA COSTURA?	CARTEIRA ASSINADA?
A	22 anos	10 meses	Não	Não	Sim
B	32 anos	3.8 meses	Não	Sim	Sim
C	19 anos	5.4 meses	Não	Não	Sim
D	31 anos	2.7 meses	Não	Sim	Sim
E	30 anos	3.8 meses	Não	sim	Sim
F	30 anos	2.7 meses	Não	Sim	Sim
G	20 anos	11 meses	Não	Não	Sim
H	34 anos	1.6 meses	Não	Sim	Sim
I	30 anos	2.3 meses	Não	Sim	Sim
J	25 anos	3.8 meses	Não	Sim	Sim
K	33 anos	1 ano	Não	Sim	Sim
L	27 anos	1 ano	Não	Sim	Sim
M	27 anos	8 anos	Não	Não	Sim
N	36 anos	3.7 meses	Não	Sim	Sim
O	24 anos	9 anos	Não	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor(a).

Ainda sobre a análise dos questionários, no que se refere a remuneração, as funções alusivas a costureira, auxiliar de revisão, inspetora de qualidade, e gerente de produção, possuía remuneração equivalente ao salário vigente em 2023, de R\$ 1.320,00, exceto a gerente de produção, onde a remuneração equivale a quase dois salários mínimos, correspondendo a R\$ 2.300,00.

Fica evidente, no entanto, que outros benefícios, como plano de saúde e auxílio transporte, não são pagos, se diferenciando das indústrias têxteis existentes na região metropolitana de Natal, onde os funcionários das mesmas recebem, além do salário, tais benefícios.

No entanto, deve-se reiterar, novamente, a grande vulnerabilidade social das funcionárias, as quais, por não possuírem outras oportunidades de emprego no contexto parhense, acabam ficando “satisfeitas” com o fato de receberem um salário mínimo. E, neste ponto, destaca-se a resposta proferida funcionária K, a qual

respondeu que apesar da empresa atual não ser seu primeiro emprego foi nela onde a mesma teve sua carteira assinada pela primeira vez, quando tinha 33 anos.

Sobre a jornada de trabalho desenvolvida pelas trabalhadoras na empresa, a mesma equivale a 220 horas mensais, sendo distribuídas da seguinte forma: 44 horas semanais, 9 horas por dia de segunda a quinta-feira das 7:00 às 11:00 e 12:30 às 17:30, e, na sexta-feira, o horário das mesmas é reduzido para 8 horas, distribuídas de 7:00 às 11:00 e de 12:30 às 16:30. Fica também evidente, mais uma vez, a precarização das relações de trabalho, uma vez que há uma carga horária de trabalho considerável, superior as 40 horas, mas amparada pelas mudanças trabalhistas adotadas no Brasil após a “reforma” trabalhista de 2017.

No que se refere as dificuldades encontradas no trabalho, a maioria apontou a existência das mesmas, as quais, como serão vistas adiante, dificultou a fixação das mesmas na atividade laboral. Entretanto, a maioria afirmou que a atividade trabalhista conduziu a obtenção de realizações pessoais ou profissionais, como a aquisição de moradias, meios próprios de transporte ou a inserção educacional no nível médio ou mesmo no superior. As respostas obtidas estão mais bem descritas na tabela 3, a seguir.

Tabela 3. Desafios e perspectivas na atividade laboral.

Quantas tem dificuldades no trabalho?	8
Quantas tem dificuldades para se manter no trabalho?	2
Quantas obtiveram Realização pessoal/profissional?	14
Quantas classificaram o trabalho como importante?	15

Fonte: Elaborado pelo autor (a), 2023.

Assim, sobre as dificuldades destacadas pela maioria das funcionárias da fábrica, destaca-se a jornada de trabalho exaustiva, por ficar muitas horas sentadas; as dificuldades nas relações interpessoais, a dificuldade da funcionária desempenhar todas as funções, a ausência de peças de vestuário para ser produzidas, em especial quando o grupo Guararapes não solicita novos pedidos a fábrica, a qual depende fortemente do referido grupo para a respectiva produção de roupas, além da dificuldade em atingir metas estipuladas pela fábrica.

Ainda sobre as dificuldades, acerca dos desafios para se manter no trabalho, destaca-se o fato de uma das entrevistadas relatar a dificuldade em encontrar alguém que cuide dos filhos enquanto está no trabalho; e a outra entrevistada destaca os problemas físicos oriundos das jornadas exaustivas, correspondendo a dores na coluna e dormência nas pernas.

Estes relatos reafirmam a dificuldade da inserção feminina no mercado de trabalho, em uma sociedade patriarcal e machista, na qual as mulheres acabam sendo responsáveis plenamente sobre as responsabilidades domésticas, além das funções laborais fora do âmbito familiar.

Aprofundando acerca das realizações pessoais e profissionais das funcionárias, quatorze responderam positivamente, destacando, neste processo, a compra da casa própria, de meios de transportes, a realização de cursos de graduação, auxílios para a formação educacional dos filhos, além da independência financeira para custear o próprio sustento e o dos familiares, como cita a funcionária “F”:

Sim, o mais importante refere-se a minha independência financeira! Vivia sendo espancada por um ex marido e hoje tenho minha moto e meus móveis! Além disso, ajudo meus familiares, sendo, por isso,

eternamente grata! Assim, na atualidade, posso comprar o que quero e presentear minha família (RELATO DA FUNCIONÁRIA 'F', 2023).

Após a análise dos questionários, fica evidente que, embora a atividade têxtil gere uma maior empregabilidade no contexto espacial de Parelhas, os processos de precarização, oriundos da terceirização e do trabalho flexível, levam a uma sobrecarga de trabalho para as trabalhadoras, as quais, por realizarem a dupla jornada, trabalhando na fábrica e nas atividades domésticas, possuem um maior desafio para a respectiva vivência com plenitude.

E também se reitera, portanto, que apesar dos avanços na inserção feminina no mercado de trabalho, em especial no atual contexto globalizante e devidamente observado no estudo de caso acima discutido, ainda há uma divisão do trabalho por gêneros, dado o fato das mulheres possuírem a jornada dupla não existente, em geral, no contexto masculino. Configurando-se como o elemento fundamental na constituição da desigualdade social entre os homens e as mulheres, não ficando restrita à dimensão do trabalho, mas se espalhando por todos os campos e dimensões da vida humana (MARTINS, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão realizada no decorrer do presente texto, a desigualdade existente entre o trabalho masculino e feminino, a divisão sexual do trabalho situa-se na contradição entre capital e trabalho. Segundo Saffioti (2013), no capitalismo, a com a mulher sofrendo uma dupla desvantagem: na dimensão estrutural com a marginalização da mulher nas funções produtivas; e, na dimensão superestrutural, com a subvalorização das capacidades femininas, gerada a partir da ideologia patriarcal, com mitos legitimadores da supremacia masculina (SAFFIOTI, 2013 apud MARTINS, 2021).

Além disso, é “naturalizada” a submissão das mulheres aos homens e legitimada socialmente a exploração das mulheres da classe trabalhadora, com maior intensidade em relação às mulheres negras.” (KERGOAT, 2009 apud MARTINS, 2021, p. 79), numa dupla função, trabalhando em casa e nas funções laborais, ganhando salários mais baixos que os masculinos, associados a intensificação do trabalho, oriundo da flexibilização e precarização trabalhista do atual contexto globalizante (MARTINS, 2021).

Assim, ainda sobre esse contexto feminino de dupla jornada, Martins (2021, p.82) afirma que:

(...) a mulher cotidianamente no trabalho doméstico transforma a natureza para suprir necessidades humanas substantivas, de primeira ordem, seja na manipulação dos alimentos, na preparação e organização de vestimentas ou nos demais afazeres domésticos voltados para organização e habitabilidade, essenciais à reprodução humana.

E esse contexto de desigualdade pode ser melhor compreendido, ao destacar que o rendimento médio das mulheres ocupadas entre 25 e 49 anos de idade (R\$2.050) equivalia a 79,5% do recebido pelos homens (R\$ 2.579) nesse mesmo grupo etário (IBGE, 2019).

Assim, ficou evidente, no contexto discutido na pesquisa, a vulnerabilidade social, característica de boa parcela da população no Seridó potiguar, a qual facilitou

a inserção de atividades produtivas de menor valor agregado na produção, as quais buscavam uma mão de obra muito barata e qualificada, em especial a partir de programas governamentais com forte apoio capitalista, como foi o caso do Pró-Sertão (MARTINS, 2021, Pág. 161)

Neste processo precarizante, também ficou evidente, neste contexto de dupla jornada das mulheres, com a participação em postos de trabalho que não exigem grau alto de qualificação técnica, como no caso das facções de costura, e na busca pelos empregos parciais para poder conciliá-lo com o trabalho doméstico e o cuidado com os(as) filhos(as), impõe um círculo vicioso, no qual, pelo fato das trabalhadoras possuírem vínculos precários de trabalho, a organização política sindical poderia significar demissão do único trabalho disponível ou possível para essas mulheres no interior do RN. ” (BIROLI, 2018 apud MARTINS, 2021, p.172).

Assim, a pesquisa evidenciou que as mulheres que trabalham na indústria têxtil parelhense em tela, possuíam origem familiar oriunda de um considerável processo de vulnerabilidade social, levando as mesmas a se submeterem a condições mais precárias de trabalho e até mesmo “agradecendo” pelo fato de as mesmas serem empregadas na indústria têxtil acima estudada.

Ainda deve-se reiterar, nos resultados obtidos durante a pesquisa, o fato de muitas das atuais trabalhadoras da indústria têxtil, possuírem histórico de trabalho infantil, seja doméstico ou seja na área agropecuária, além de algumas se tornarem mãe e constituírem família e foram mães na juventude, fazendo com que desde cedo tivessem que assumir grande responsabilidade, uma vez que a somatória do trabalho doméstico e trabalho assalariado, trabalhando em média mais de 12h por dia (MARTINS, 2021, p.220)

Portanto, ficou evidente, no decorrer da pesquisa, a partir das possibilidades de emprego com o programa “Pró-sertão”, o qual está presente em todo semiárido potiguar, inclusive na região intermediária de Caicó, historicamente conhecida como Seridó potiguar, a efetiva expansão da indústria parelhense, em especial a indústria confeccionista, completamente voltado para o atendimento de algumas necessidades locais e muitas necessidade nacionais ou mesmo globais, das grandes corporações têxteis capitalistas, como o grupo Guararapes.

No entanto, é necessário que os trabalhadores e trabalhadoras, especialmente estas últimas em situação de vulnerabilidade social, consigam atender plenamente, com a sua força de trabalho e a justa remuneração do mesmo, as demandas laborais e domésticas, com um efetivo apoio do estado e iniciativa privada, tornando-os, assim, cidadãos e, principalmente, cidadãs plenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANTUNES, Ricardo. **O caráter polissêmico e multifacetado do mundo do trabalho**. Trabalho, educação e saúde, v. 1, p. 229-237, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **A nova morfologia do trabalho no Brasil: reestruturação e precariedade**. Revista Nueva Sociedad, v. 232, p. 3-4, 2012.

ARAÚJO, Kayck Danny Bezerra de. **A terceirização do trabalho nas facções de costura do seridó oriental potiguar (RN), 2013-2016**. 2017. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

BEZERRA, E., FÁTIMA CORTELETTI, R. de, & Maria de Araújo, **Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do Nordeste**. Caderno CRH, 33, 2020.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis, Vozes, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

HARVEY, David. **Spaces of global capitalism**. Verso, 2006.

HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. Cadernos pagu, p. 139-156, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HONÓRIO, Ana Carolina da Costa. **Mulheres trabalhadoras: entre a opressão e a exploração dos novos tempos**. 2013. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo Demográfico 1970**. Rio de Janeiro: Editora do IBGE, 1970.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Regiões Intermediárias e Imediatas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora do IBGE, 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo Demográfico 2020**. Rio

MARCELINO, Paula; CAVALCANTE, Sávio. **Por uma definição de terceirização**. Caderno crh, v. 25, p. 331-346, 2012.

MARTINS, Annamaria da Silva Araújo. **Divisão sexual do trabalho e precarização: o trabalho subcontratado nas facções têxteis**. 2021. 254f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica-espaço-tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter me permitido chegar até aqui e concluir mais uma etapa da minha vida, sem Ele nada seria possível ou teria sentido em minha vida. Aos meus familiares, por serem apoio, compreensão quando eu precisei durante esse percurso, e principalmente por me motivarem, Rita, Vanessa, minhas sobrinhas que sempre estavam a postos para irem me esperar no ponto do ônibus, ou mesmo para me auxiliar em algum trabalho, rsrs, como temos histórias para contar... minha mãe, dona Luzia, que por tantas vezes me fiz ausência, e ela nunca me desmotivou, muito pelo contrário, sempre foi exemplo de persistência, mulher forte, destemida, que ainda que tenha medo os enfrenta e nos incentiva a fazer o mesmo, mãe obrigado por ser colo, e nunca desistir, a senhora é meu melhor exemplo. Aos meus amigos, colegas de curso, muito obrigado a todos, sem esquecer de mencionar meus colegas Moacir, que foi meu companheiro de percurso, quantas caronas me deu para Caicó... obrigado pelo seu "Alê, tô indo lhe buscar!" e Ana, rsrs, quantas aflições, mensagens, figurinhas e "estresse" passamos até aqui, nem acredito que vencemos rsrs... A todos meus amigos, muito obrigado! Ao meu namorado, John, que não mediu esforços para que eu conseguisse concluir meu curso, principalmente nessa reta final, meu amor, muito obrigado! que seja minha primeira de muitas conquistas ao seu lado, se assim Deus nos permitir E por último, mas não menos importante, quero agradecer imensamente ao meu orientador, professor Iapony Rodrigues Galvão, muito obrigado por disponibilizar seu tempo, e todo o seu conhecimento para me orientar, o senhor me faz acreditar que a docência é algo que se deve exercer com amor, nunca mediu esforços para esclarecer meus questionamentos, não importava dia, hora, sempre se fez presente e prontamente me atendeu, muito obrigado, que exista mais Iapony por ai. Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente, obrigado, saibam que essa conquista é também um pouco de cada um de vocês.